

A GYMNASTICA E AHYSTERIA FEMININA NO JORNAL “A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO” (1870-1930)*

Ariza Maria Rocha¹; Ana Cristina Linard Macêdo¹

Resumo

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar os discursos veiculados no jornal *A Província*, atualmente denominado de *Estado de São Paulo*, no período de 1870-1930, sobre o papel da *gymnastica* na prevenção da *hysteria* feminina. Por esse caminho, foram selecionadas, a partir do acervo do referido periódico, as matérias sobre a temática. Em seguida, foram realizadas a quantificação e a categorização por décadas. Por fim, recorreu-se à análise do conteúdo e à organização do material colhido, a partir do pensamento de Freud. No citado recorte histórico, foram encontradas 250 matérias que tratavam da *hysteria*, entre artigos, documentos oficiais, anúncios e notícias de crimes. Entre elas, foram encontrados registros da *gymnastica* na prevenção de tal doença. A *gymnastica* era uma das soluções apontadas pelos higienistas e, como tal, era defendida sua inclusão nas escolas femininas.

Palavras-chave: *Hysteria. Gymnastique. Movimento Higienista.*

THE GYMNASTIQUE AND THE FEMALE HYSTERIA IN THE NEWSPAPER TO “A PROVÍNCIA THE SÃO PAULO” (1870-1930)

Abstract

This communication aims to present the speeches conveyed in the newspaper “A Província the São Paulo, in the period of 1870-1930, on the role of *Gymnastique* in preventing female hysteria. That way, it selected from the collection of the said journal, materials on the subject. Then, it was quantification and categorization for decades. Finally, it used the analysis of content and organization of the material collected from the thinking of Freud. In that historical period, we found 250 materials that handle the hysteria, between articles, official documents, announcements and news crimes. Among them, were found *Gymnastique* records in prevention of such disease. The *Gymnastique* was one of the solutions suggested by hygienists and as such was defended their inclusion in girls' schools.

Keywords: *Hysteria. Gymnastic. Hygienist. Movement.*

¹Docente do Departamento de educação Física da Universidade Regional do Cariri-URCA
Autor correspondente: arocham2009@hotmail.com

* A ortografia da época foi mantida, em respeito às fontes primárias.

Introdução

O filme *Hysteria*^{**}, baseado em fatos verídicos, retrata a visão machista sobre o que se considerava uma doença feminina, concepção aceita até 1952. Atualmente é denominada de transtorno de conversão. A película tem a Inglaterra de 1880 como cenário e retrata, entre outros assuntos, a criação do vibrador por médicos, aparelho engendrado e utilizado por esses profissionais com fins terapêuticos, por exemplo, para massagear a vulva feminina no combate da depressão, diagnosticada como um dos sintomas da histeria na mulher, além dos desmaios e da insatisfação sexual.

A referência do debate envolvia a questão da sexualidade feminina, e estudiosos como Giles de la Tourette (1857-1904), Jean-Martin Charcot (1825-1893), Joseph Babinski (1857-1932), Pierre Briquet (1796-1881), Pierre Janet (1859-1947) e Sigmund Freud (1856-1937) tentavam resolver o enigma. Contudo, não se pode esquecer a contribuição de Hipócrates e Platão ao enigmático tema.

As ideias desses estudiosos sobre tal doença na natureza feminina correram pelo mundo e chegaram ao Brasil, tendo os jornais como porta-vozes do debate do movimento higienista. Assim eram descritos os sintomas apresentados pelas mulheres que manifestavam problemas com o “Útero Doente”:

[...] palpitações do coração, aperto e agonia no coração, falta de ar, sufocações, sensação de aperto na garganta, cansaços, falta de sono, falta de apetite, incommodos do estômago, arrotos frequentes, azia, boca amarga, ventosidades na barriga, enjoos, latejamento e quentura na cabeça, peso na cabeça, pontadas e dores de cabeça, dores no peito, dores nas costas, dores nas cadeiras, pontadas e dores no ventre, tonturas, tremuras, excitações nervosas, escurecimento da vista, desmaios, zumbido nos ouvidos, vertigens, ataques nervosos, entremecimentos, formigamentos subidos, câimbras e fraqueza das pernas, suores frios ou abundantes, arrepios, dormências, sensação de calor em diferentes partes do corpo, vontade de chorar sem ter motivos, enfraquecimento da memória, moleza de corpo, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, frio nos pés e nas mãos, manchas na pele, certas feridas, certas coceiras, certas tosses, ataques de hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas moléstias do útero!!! Até o gênio da mulher pode ficar alterado e ella de alegre que era, passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas coisas mais insignificantes. Sentindo alguns destes signaes a senhora deve logo desconfiar que o seu útero está sofrendo [...]” (A PROVÍNCIA DE S. PAULO, 5/10/1919).

De acordo com os sintomas acima, a mulher era diagnosticada enferma porque o útero estava doente e, como tal, sofria de *hysteria*. Com o respaldo médico, soluções eram lançadas, como indicação de remédios, ferro a brasa, eletrochoque, massagens *egymnastica*, esta última considerada uma das práticas corporais que preveniam o desenvolvimento da histeria feminina e, por esse viés, reforçou sua inserção na educação da mulher e na sociedade brasileira. Tal debate pode ser acompanhado no jornal *A Província de S. Paulo*, o qual, mais tarde, passou a ser denominado de *O Estado de São Paulo*.

^{**} Filme *Hysteria* – 100 min., 2011. Direção: Tanya Wexler. Roteiro: Stephen Dyer e Jonah Lisa Dyer.

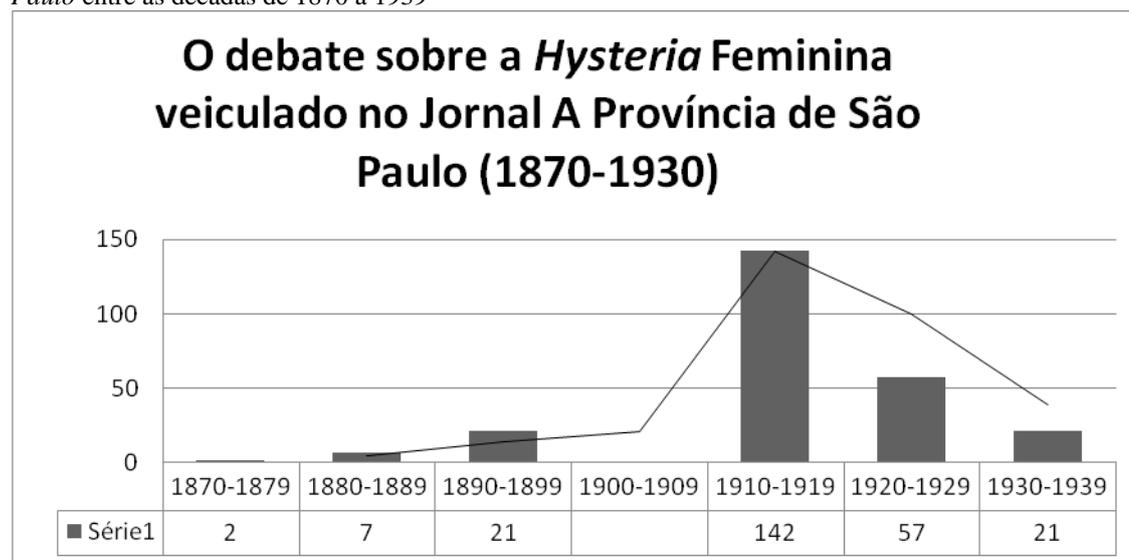
A respeito do referido jornal, salientamos que foi criado, em 04 de janeiro de 1875, por um grupo de filiação política republicana inspirado por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense. Após a Proclamação da República, o periódico foi intitulado *O Estado de São Paulo* (31/12/1889) e, a partir de 1902, passou a ser propriedade da família Mesquita, cuja conexão política era de cunho liberal, momento marcado pela transição da Primeira República à Revolução de 1930.

Nesse período, predominava no Brasil o movimento higienista*, condizente com o contexto socioeconômico e político na corrida para tirar o País de seu atraso econômico e cultural. Assim, o projeto de assepsia social passou a constituir uma reforma social e educacional veiculadas em saberes, discursos e práticas apoiadas pelo olhar do médico no intuito de civilizar, propagar a higiene e prevenir doenças naquilo considerado impuro nos hábitos, práticas e costumes em voga nos mais diversos espaços da cidade e na vida de seus habitantes.

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar os discursos veiculados no jornal *A Província de São Paulo*, no período de 1870-1930, sobre o papel da *gymnastica* na prevenção da *hysteria* feminina. Por esse caminho, selecionamos, a partir do acervo do referido periódico, as matérias sobre a temática. Em seguida, adotamos a quantificação e a categorização por décadas. Por fim, recorreremos à análise do conteúdo e à organização do material colhido.

No citado recorte histórico, foram encontradas 250 matérias, entre artigos, documentos oficiais, anúncios e notícias de crimes que tratavam da *hysteria*, entre eles, encontramos registros da *gymnastica* na prevenção de tal doença.

Figura 01 – Relação do número de ocorrência de matérias que contemplam a *hysteria* publicadas no jornal *A Província de São Paulo* entre as décadas de 1870 a 1939



Fonte: Elaborada pelas autoras.

* Consultar o trabalho de Góis Junior (2007).

O gráfico acima revela o número de matérias que abordaram a temática entre as décadas de 1870 e 1930, no qual é possível observar um crescimento de publicações a respeito entre os anos de 1870 a 1899, período que é sucedido por uma década de silêncio referente ao assunto, o qual retorna ao cenário na década de 1910-1919, para depois ter uma queda. Sobre essa temática, vejamos, na seção seguinte, o que dizia Freud à época relacionado à *hysteria* feminina.

A mulher e a histeria feminina em Freud

Iniciamos com as palavras de Rangel (2008, p. 06) atinentes ao pensamento de Freud sobre a mulher: “Segundo Freud, há um mistério que circunda a mulher, expresso através da pergunta: O que quer uma mulher?”. Falar de Freud é sempre algo muito complexo e ao mesmo tempo excitante, em todos os seus aspectos e abordagens, porque ele considera questões que expõem a alma humana, desnuda-a e a vulnerabiliza para, em seguida, compreendê-la e fortificá-la.

Como se não bastasse o abstruso de compreender a alma humana, Freud concentra seus esforços no objetivo de conhecer os desejos da mulher, a problemática da histeria e os impasses da feminilidade.

Tudo isso em meados do século XIX, numa época em que a psiquiatria buscava, através da anatomia patológica, o único meio de inserção da medicina no mundo das ciências exatas. Freud e precursores iniciam um estudo de doenças sem sintomatologia regular, sem lesões orgânicas possíveis de identificar pela anatomia patológica, com perturbações sem lesões aparentes, as chamadas neuroses, com destaque para a histeria: “A Psicanálise deve grande parte de suas descobertas às histéricas [...]. Se Freud deve às histéricas a descoberta da transferência, estas devem o dar-lhes, através de sua escuta, uma possibilidade de se reencontrarem com seu próprio desejo alienado no sintoma” (LIBÓRIO, 1991 apud RANGEL, 2008, p.58).

A histeria, segundo Freitas (2006), consiste em uma incapacidade de manter o equilíbrio da vida interior, fazendo com que o indivíduo apresente um grau considerável de inadaptação ao mundo e à sua realidade. O histérico tem consciência de sua doença, sofre com o transtorno, e, por isso mesmo, busca ajuda profissional. Os fatores causais e mantenedores envolvem questões sexuais do tipo abuso, ou abstinência ou ninfomania; como expressa Freud, é um efeito “tardio e duradouro de uma emoção vivida no passado” (2006, p.58).

O trabalho de Freud sobre a histeria teve como ponto de partida a concepção de Charcot, professor da faculdade de medicina de Paris que estudava tal fenômeno, a partir da qual o psicanalista austríaco apresentou um artigo datado de 1888, para a enciclopédia Villaret, no qual orientava como tratamento da histeria a retirada do paciente histérico do convívio familiar e a internação em hospital, pois, segundo ele,

o ambiente familiar poderia se constituir como gerador de crises, enquanto o ambiente hospitalar lhe facilitaria sua observação por parte do médico e lhe propiciaria, por conseguinte, uma rápida intervenção no controle das crises.

Freud orientava ainda que, após uns meses de descanso no hospital, o histérico deveria fazer sessões de hidroterapia, ginástica, massagem e eletroterapia, com o objetivo de eliminar as causas dos sintomas histéricos. O tratamento também incluía a hipnose.

Em 1892, o psicanalista austríaco publica outro artigo apresentando um caso de cura pelo hipnotismo, com base nos estudos de Breuer, em que evidenciava o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, o que posteriormente se converteu no manual de estudos sobre a histeria. O estudo ficou conhecido pelo caso de Anna O., paciente de Breuer que sofria de sintomas de histeria, os quais desapareceram após tratamento com hipnose (FREUD, 1977).

Anos depois, em sua clínica de doenças nervosas em Viena, Freud submete uma paciente, Frau Emmy Von, ao tratamento da hipnose de Breuer, no entanto, inovando-o (o tratamento). No método de Breuer, ou catártico, através da hipnose, acontecia uma descarga de afeto relacionada à experiência traumática, o que levaria a paciente a encontrar o fato traumático nos seus registros de memória, liberando, então, a carga de afeto e, conseqüentemente, livrando-se dos sintomas da histeria. Freud, entretanto, passa a orientar a sugestão da hipnose, diretamente, para livrar pacientes dos sintomas histéricos.

Durante as muitas observações que fez nos tratamentos com sugestão hipnótica, Freud, então, avança para o abandono dessa técnica e parte para um tratamento em que o paciente lúcido era orientado a lembrar de fatos traumáticos que poderiam causar sintomas de histeria. A técnica esbarra numa limitação que ele chama de noção de defesa, ou seja, o paciente se vê envergonhado por possuir ideias de natureza aflitiva, podendo gerar emoções que o levem a uma autocensura ou dor psíquica, porque são ideias correlacionadas a uma carga de afeto e que produzem os sintomas somáticos, modo de defesa específico da histeria.

Nesse momento, Freud avança do método catártico concebido por Breuer para o método psicanalítico, concebendo hipóteses contrárias ao estudo de Breuer, quando percebe e investiga a possibilidade de relação entre a histeria e a sexualidade, aparentes nos pacientes observados, porém negadas e descartadas por Breuer.

Breuer foi contrário à hipótese de Freud, até que descobriu que Anne O., uma de suas pacientes que possuía ligação afetiva com ele. O choque foi tal que abandonou o caso e o deu como encerrado, ficando clara a refutação dos estudos de Freud sobre os dele.

Todavia, Freud seguia a linha de estudos de Charcot, que evidenciava o componente sexual do comportamento das pacientes com histeria, e dos relatos de Chrobak, que seguia em sentido extremo, receitando uma boa dose de *penis normalis* para uma histérica (FREUD, 1974).

Enfim, as investigações de Freud culminaram com a proposição de que realmente existia relação entre a condição histérica do paciente e uma excitação própria que a determinava, não uma espécie qualquer de excitação emocional, mas um tipo de perturbação de natureza conflitiva e sexual.

Considerando a questão cultural, a doença histeria, segundo Rangel (2008), possuiu a sua história e definição relacionadas diretamente à mulher, visto que a própria palavra *hystera*, ou doença de *hystera*, remetia a útero, ou doença do útero, por isso mesmo, doença de mulheres. Daí a ligação da histeria às mulheres, “Eis o que Hipócrates diz a esse respeito: ‘Esta afecção sobrevém, sobretudo às mulheres que não têm relações sexuais e às mulheres de uma certa idade, mais do que às jovens; [...]’ (TRILLAT, 1991, p.19). Platão, contemporâneo e amigo de Hipócrates, dizia que o que chamamos de matriz ou de útero nas mulheres é nelas um ser vivo tomado de desejo de fazer filho. O útero se irrita, agita-se em todos os sentidos dentro do corpo quando elas permanecem estéreis durante muito tempo, impedindo-as de respirar e ocasionando outras séries de doenças (KAUFMANN, 1996).

Entretanto, Garcia-Roza (2008) se contrapôs a essa ideia, quando apontou relatos de estudos de Freud e Charcot, que expressavam que a histeria poderia ser uma doença tanto de homens como de mulheres, apesar de as mulheres histéricas serem maioria nos consultórios médicos.

Porém, uma das inquietações que surgem com a temática é a dificuldade que a mulher histérica apresenta em relação à sua feminilidade, ou seja, pelos relatos, a histeria representa uma resistência à possibilidade de feminilidade da mulher, em que esta mesma mulher opta por se colocar na condição de objeto, percebendo sua própria limitação de castração e, ao mesmo tempo, dando indícios de que não suporta tal condição, culpando o outro e reconhecendo nele também o problema:

O cristianismo, a partir de Santo Agostinho, foi contrário a essa etiologia – o gozo do sexo não podia ser um remédio devido ao fato da natureza não ser um princípio de ordem. A natureza é desordenada e enganosa por causa do mal introduzido por maus espíritos e demônios. Os sintomas são conseqüências da vitória das forças do mal. Houve, nesse período, a recusa da abordagem médica e a palavra ‘histeria’ quase deixou de ser empregada. O que antes era chamado de histeria ganha o nome de possessão diabólica, possessão que se manifesta sobre o corpo enfeitiçado por influência de uma ordem erótica: visões e carícias. As convulsões e as sufocações da matriz eram a expressão de um prazer sexual, de um pecado (RANGEL, 2008, p.59).

A História conta que, na Idade Média, a histeria, assim como as neuroses, era o resultado de epidemias da alma, possessões, castigos de bruxas e feitiçaria, cabendo ao Estado a condição punitiva, por exemplo, essas pessoas deveriam ser queimadas vivas por exporem, em seus ataques, expressões ligadas à sexualidade (GARCIA-ROZA, 2008).

Somente no Renascimento é que o médico alemão Jean Wier (1515-1588) se posicionou de maneira contrária a essa ideia da sociedade e da igreja sobre a histeria, afirmando que os doentes histéricos não tinham o poder sobre os seus atos. Também nesse sentido, o pesquisador Mesmer, usando afirmações médicas, consegue transformar a visão demoníaca da histeria para uma concepção científica.

Freud expressa, então, que, “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (FREUD, 1996, p. 114). E o próprio autor apresenta relatos de que observa na mulher uma “natureza pulsional passiva”, a qual (a mulher), como condição para equiparar-se à figura masculina com seu órgão sexual, apresenta a maternidade: No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud, na segunda parte deste trabalho intitulado *a sexualidade infantil*, aborda o descaso para com a sexualidade da criança. As atividades sexuais precoces em crianças pequenas são citadas por outros autores, segundo Freud, como fazendo parte de processos excepcionais; não há o reconhecimento da pulsão sexual na infância. Freud, a partir de suas investigações nos adultos faz afirmações sobre as manifestações sexuais da infância. A sexualidade não começa na puberdade, mas sim é despertada muito cedo após o nascimento. A mesma disposição polimorfa encontrada na criança é também vista nas prostitutas no exercício de sua profissão (FREUD, (1905), 1996, p. 180). Na reflexão freudiana de 1905:

[...] a sexualidade perversa é, [...], menos uma marginalização do processo sexual que o próprio fundamento da sexualidade normal como disposição inevitável no desenvolvimento psicosssexual de todo sujeito (KAUFMANN, 1996, p. 416 apud RANGEL 2008, p.14).

O estudioso avança nesse aspecto para relatos de sexualidade a partir do órgão sexual masculino, complexo de Édipo, conceito de castração e figura paterna, para, então, confrontar com a sexualidade feminina, o que aponta como algo obscuro e um obstáculo para a psicanálise.

A teoria de Freud referente à sexualidade da mulher parte então do pressuposto do universo da criança, no qual as meninas, após perceberem a existência do pênis nos meninos, pensam também ter um, mas logo se dão conta de que o perderam por “castração”; os meninos, por sua vez, chegam à mesma conclusão ao perceberem a ausência fálica feminina, o que gerará neles o medo de perder o pênis, comportamento denominado por Freud de medo da castração. Esse mesmo receio também se manifesta nas meninas, mas de modo simbólico, isto é, por meio do medo da perda do amor ou de não serem amadas (RANGEL, 2008).

Dessa forma, Freud argumenta que a mulher só mitiga ou aplaca esse medo, ao ser amada, visto que, para ela, “Amar em si, na medida em que envolva anelo e privação, reduz a autoestima, ao passo que ser

amado, ser correspondido no amor, e possuir o objeto amado, eleva-a mais uma vez” (FREUD, 1996, p. 106). Pode-se, então, compreender que o medo de não amar refere-se ao medo de perder a si mesma.

O psicanalista austríaco continua, apontando agora a manifestação do complexo edipiano nas meninas – em que estas disputam o amor do pai com a mãe –, o afastamento da mãe e o desejo de um filho, além da castração simbólica, fatores que a levam a afastar-se de sua atividade fálica, de sua sexualidade, conduzindo-a a uma possível neurose. Freud conclui, porém, que a fase afetiva pré-edipiana é fundamental para que no futuro a mulher exerça a sua sexualidade de forma espontânea e natural, além das funções sociais (Rangel, 2008).

A partir do discurso de Freud, pode-se considerar que o seu estudo – o estudo da psicanálise – termina por não possuir conclusões no sentido de descrever a mulher e descobrir o seu desejo, mas investigar como se forma, como se desenvolvem as fixações pelas quais é acometida e a necessidade de percorrer esse caminho tortuoso, o qual, como ele mesmo expressa, faz-se necessário a uma vida adulta sexualmente normal. Daí a indicação da *gymnastica*, como veremos adiante.

A gymnastica no combate da hysteria

Por esse viés, a *gymnastica* emergia como solução ao tratamento de várias enfermidades, entre elas a *hysteria*. E qual era o público, segundo os médicos, mais atingidos? As jovens mulheres. Antes de dar prosseguimento ao texto, partiremos da definição da *gymnastica* empregada nos estudos da época. Para isso, recorreremos à tese de Menezes (1878), a qual foi apresentada e defendida junto à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Nesse período, era grande o fluxo de brasileiros que iam estudar medicina em Portugal. Tais estudantes, ao regressarem, traziam as ideias sobre tal prática corporal. Vejamos, abaixo, um pequeno trecho da obra do autor acima referido:

A *gymnastica* é a cultura regular do corpo e dos seus órgãos por meio do exercício geral, regular e methodico; é também o desenvolvimento da faculdade, que nos distingue, na escala zoológica, dos outros animaes – a atividade voluntaria. Os primeiros benefícios que nos proporciona a *gymnastica* são: habituar o corpo a produzir trabalhos fortes, gastando a menor força possível; habituar a vontade a subjugar os nossos actos materiaes, a detel-os instantaneamente ou a reproduzil-os [...]. Finalmente, n'estes últimos tempos a *gymnastica tem tido também feliz aplicação no tratamento de bastante doenças* (MENEZES, 1878, p.02, grifo nosso).

Assim emergiu a *gymnastica* no tratamento de várias doenças, entre elas a *hysteria*, que atingia os dois sexos, no entanto, segundo os médicos, a incidência maior era na mulher devido às funções do útero. Portanto, a *gymnastica* era recomendada à educação das moças, ou seja, na *instrucção* feminina, como

retrata o Parecer do médico Sr. Costa Ferraz*, que presidia a Comissão da Academia de Medicina, publicado no dia 12 de outubro de 1875 e apresentado à Assembleia Provincial do Rio de Janeiro. Tal Parecer foi divulgado na íntegra no editorial do jornal *A Província de São Paulo*, a qual foi intitulada “Questões Sociais: O ensino da *gymnastica* nas escolas públicas”. Eis um recorte:

Senhores - A comissão que nomeastes para dar parecer sobre a questão proposta a esta Academia por um de seus mais distintos membros – *Utilidade da Gymnastica nas escolas de ensino primario* – vem hoje cumprir o vosso mandato expondo sua opinião sobre esse interessante ponto de hygiene. Vamos tratar das edades em que os *exercicios gymnasticos são mais proveitosos, e então trataremos dos que de preferencia convêm ás mulheres* [...]. Depois da infância, é a puberdade a idade da vida que exige, especialmente nas mulheres, os mais prudentes cuidados, porque é então que começam a despertar do seu longo somno as funções do útero, orgam importante que Aristoteles chamava animal indócil. *E nessa passagem de uma vida calma para uma outra de paixões tumultuosas que apparecem todas as moléstias graves, que a hysteria, verdadeiro Protheu da pathologia, se tétano, de surdez, de cegueira, etc., e é para prevenir estes accidentes que a gymnastica é aconselhada e deve ser sabiamente dirigida nos estabelecimentos destinados à educação de meninas*” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 12/10/1875, grifo nosso).

A apresentação desse recorte justifica-se pela riqueza do discurso sobre a histeria. Ideias que predominaram no final do século XIX e início do século XX, quando a enfermidade era associada às doenças do útero. Ainda sobre a prática da *gymnastica*, a citada Comissão argumentava:

[...] A falta de exercício do corpo produz a actividade da imaginação caracterizando a bem estabelecida distincção de forças sensitivas e de forças motoras. ‘O systema cerebral póde, pois, adquirir uma preponderância viciosa sobre o aparelho muscular, que precisa de sua actividade energica. E, nestas circumstancias, que é muito indicado o emprego da gymnastica, da gymnastica activa mesmo’. Além dos exercicios gymnasticos dos colégios, convêm, á mulher, nestas condições, as viagens a pé e a cavallo, a dança, natação, e mesmo alguns trabalhos ainda que rudes. Depois da puberdade, diz Van-Helmont, o útero faz sem cessar ouvir a sua voz. *É necessário, a exemplo de Lycargo retardar a explosão e diminuir a violência das paixões desordenadas, por um augmento de exercicios*[...]” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 12/10/1875, grifo nosso).

Atendendo ao pensamento médico da época, a escolha do método de *gymnastica* não se deu por acaso, mas, conforme a menção acima, deu-se para “retardar a explosão e diminuir a violência das paixões desordenadas, por um augmento de exercicios”. Na vertente do movimento higienista, o periódico divulgava o melhor método: a *gymnastica* médica-sueca (ou simplesmente ginástica sueca), criada por Pehr Henrick Ling (1776-1839) e aplicado à medicina.

Sobre esse assunto, esclarecemos que tal método de ginástica foi muito estudado pelos médicos brasileiros e estrangeiros, como exemplo, nos meados do século XVIII, podemos citar a defesa da tese do

* Costa Ferraz, médico da Associação Municipal Protetora da Infância Desvalida (cf. MONARCHA, Carlos. *Educação da infância brasileira, 1875-1983*).

português Machado, na qual apresentou as divisões do método de Ling: 1ª *gymnastica hygienica* ou *prophylatica*, com a finalidade de entreter e sustentar as forças; 2ª *gymnastica therapeutica* ou *gymnastica medica propriamente dita*, com a finalidade de reparação. Ou seja,

A escola da Suécia, cujo chefe foi Ling, marca uma nova era nos progressos da *gymnastica medica*. Abandonando todas as classificações dos exercícios, que faziam objecto do seu estudo, esta escola creou um methodo constituído por três elementos; 1-posições; 2-movimentos musculares; 3- manipulações. As posições, cuja variedade é infinita, distinguem-se em inicial e terminal, segundo precedem, ou sucedem ao movimento. Os movimentos dividem-se em activos e passivos; d'estes os primeiros denominam-se simples, se a contracção muscular os executa n'uma direcção determinada, sem que s'offereça algum obstáculo à sua direcção; duplos, se uma resistência na direcção diametralmente opposta inválida o efeito da contracção, e torna necessário, para que o movimento tenha lugar, o aumento d' essa contracção. N'este caso pode o movimento atingir a posição terminal, chamando-se então, segundo Neumann, duplo concêntrico, ou retroceder para a posição inicial, chamando-se duplo excêntrico. O primeiro é caracterizado pela aproximação das inserções musculares durante a contracção; o segundo pela distância d'essas mesmas contracções no mesmo tempo. Assim existe uma contracção concêntrica, e outra excêntrica" (MACHADO, 1865, p.22-23).

Pelos fins higiênicos, a ginástica sueca era a preferida, por subtrair os exercícios violentos do exército, diferente, portanto, da ginástica alemã e da francesa, consideradas inapropriadas para o organismo da criança e da mulher devido à violência do treinamento no desenvolvimento muscular. Os educadores defendiam a prática da ginástica sueca por respeitar a fisiologia dos escolares e, principalmente, das mulheres.

Ainda sobre a defesa da *gymnastica* para as mulheres, encontramos registros de sua prática no Collegio Rosa (16/08/1901, p. 03), Escola Normal de São Carlos (18/11/1916, p.03) e Instituto Cesario Motta (09/01/1919, p. 08).

Fora da escola, os higienistas e seus adeptos, como os jornalistas –os quais eram, na maioria, literatos e educadores, esforçavam-se em vencer a resistência da considerada mentalidade atrasada do Brasil e modernizá-la. Na época em questão, ser moderno era acompanhar as práticas corporais, como a *gymnastica* realizada nos Estados Unidos da América e nos países da Europa.

A esse respeito, destacamos um recorte de uma notícia veiculada no referido periódico na ocasião da realização do “Congresso Internacional de Educação Física”. A solenidade de abertura contou com aquele que seria o presidente francês à época, Mr. Raymond Poincaré² (1860-1934). Destacamos também que o *Jornal A Província de São Paulo* mantinha trocas de informações com outros periódicos, tanto nacional como internacional. Assim, a referida notícia foi publicada no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 11 de abril de 1913, e no dia seguinte foi publicada no jornal *A Província de São Paulo*. Eis a matéria:

² Primo do renomado matemático Henri Poincaré, Mr. Raymond, antes de assumir a Presidência da França no período da Primeira Guerra, foi Chefe de Governo e Ministro da Educação e da Fazenda.

Não consistiu esse Congresso unicamente na exibição de turmas de Athletas de varias nacionalidades e na demonstração prática de diversos systemas de cultura physica. Elle compreendia também interessantes conferências scientificas e pedagógicas, nas quaes se agitaram questões da mais alta importância, como a dos programas de educação physica escolar, a da *educação physica da mulher*, a dos jogos e do trabalho manual, etc. Foi naturalmente a parte prática do Congresso, isto é, a demonstração dos diversos methodos adoptados nos países que estão á testa do movimento em favor da educação physica, que excitou ao mais alto grau o entusiasmo do publico. *As turmas de gymnastas enviadas pela Suecia e pela Dinamarca, a das mocinhas do Instituto de Turim, a dos estudantes da 'Ling Universites de Bruxellas'*, causaram uma admiração que se traduzia por aclamações inextinguíveis (A Província de São Paulo, 12/04/1913, p.03).

Matérias como essa eram anunciadas nas diferentes seções e colunas do jornal, até mesmo nos anúncios comerciais referiam-se ao corpo feminino. Embora a *gymnastica* fosse recomendada aos dois sexos, médicos, educadores e outros defensores consideravam tal prática necessária para controlar o útero indomável das mulheres e, assim, evitar a *hysteria*. Esse discurso foi propagado pelo jornal *A Província de São Paulo*, que tinha um projeto político e social afinado com o discurso higienista vigente no período abordado.

Conclusão

Considerando o diagnóstico de um corpo feminino em constante inquietação, médicos como Freud relacionavam a *hysteria* como uma doença que predominava no sexo feminino. Tal pensamento circulou nos melhores salões de debates tanto no exterior como no Brasil das décadas de 1870-1930, período no qual vigiam as ideias do movimento higienista.

Entre as soluções apontadas para prevenir o lastro de tal doença, os médicos indicavam vários tratamentos, entre eles a *gymnastica*, segundo o método sueco, o qual era o mais apropriado às características do sexo feminino e das crianças. A *gymnastica* era uma das práticas corporais que preveniam o desenvolvimento da histeria feminina e sua inserção na educação feminina era a forma de defender a saúde brasileira.

Referências

FREITAS, C.G. **O Mito da Fragilidade**: O olhar médico sobre o corpo da mulher e seus desdobramentos psíquicos. Dissertação de Mestrado da Universidade Católica de Brasília. Programa de Mestrado em Psicologia, 2006.

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: 3 ensaios sobre a Teoria de Sexualidade. (1905). Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Editora Imago, v. VII, 1972.

_____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: A História do Movimento Psicanalítico.** (1914). Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Editora Imago, v. XIV, 1974.

_____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Histeria (1888).** Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Editora Imago, v. I, 1977.

_____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um caso de cura pelo hipnotismo (1892).** Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Editora Imago, v. I, 1977.

_____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise.** (1933). Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Editora Imago, vol. XXII, 1996.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o Inconsciente.** 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GÓIS JUNIOR, E. Movimento Higienista e o Processo Civilizador: Apontamentos Metodológicos. In: **Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador**, Campinas, São Paulo, em 1 a 4 de abril de 2007.

HYSTERIA. Direção: Tanya Wexler. Roteiro: Stephen Dyer e Jonah Lisa Dyer. 100 min., 2011.

JORNAL, **A Província.** 5/10/1919. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

_____. 1870-1939. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

MACHADO, A.J. **Da gymnastica e suas aplicações à medicina e cirurgia.** These Apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Porto, Typographia do Commércio do Porto, Portugal, 1865.

MENEZES, A.G. de S.A. e. **Da gymnastica medica com meio hygienico e therapeutico.** These Inaugural n. 46, Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Portugal, outubro, 1878.

RANGEL, M.B. de S. Histeria e Feminilidade. Dissertação de Mestrado da Universidade Veiga de Almeida do Rio de Janeiro. Programa de Mestrado Profissionalizante em Psicanálise, **Saúde e Sociedade**, 2008.

Recebido: 28/04/2015

Aceito: 17/12/2015